

# A LUTA CONTRA O ESQUECIMENTO SOBRE UM POEMA DE JOSÉ LUÍS MENDONÇA

No âmbito de um seminário do Mestrado em Estudos Africanos da Universidade do Porto, abordei com os meus alunos a obra poética de José Luís Mendonça, que me parece uma das mais interessantes do panorama actual da literatura angolana. Entre as actividades previstas contava-se a apresentação por cada estudante da análise de um texto da coletânea Africalema, tendo resultado daí uma experiência interessante: um dos participantes, Thomas P. Wilkinson, um professor alemão de origem norte-americana, propôs como ponto de partida do seu trabalho a tradução para inglês do texto «Habitação», pertencente ao volume Ngoma do negro metal, de 2000.

Rapidamente verificámos todos que o problema maior não estava na escolha das palavras inglesas que melhor pudessem corresponder ao original português, ainda que aquilo que parecia óbvio se revelasse progressivamente mais complicado: Como traduzir o título? «Habitation» ou «House»? Como dizer «Às portas»? «By the doors»? Mais difícil que estas e muitas outras decisões (num curto poema de sete versos) revelou-se contudo a interpretação literal do texto, como sempre acontece aliás com a verdadeira poesia, por natureza refractária a uma leitura unívoca.

A referência ao rio, ao «caminhar dias a fio», aos navios que «dão à luz a inexistência do real», a «uma máquina de contabilizar o esquecimento» parece apontar para a experiência histórica da escravatura, que o sujeito – «De faxina à poeira» – assume como sua, numa casa por isso mesmo situada «Às portas do mundo». Uma leitura mais fina depara-se porém com uma série de dificuldades, agravadas pela ausência de pontuação. Apesar disso, o autor recorre à maiúscula inicial nos v. 1, 3 e 6, o que nos permite considerar o poema como

sendo formado por três momentos.

Nos dois primeiros versos, a «habitação» do título dá lugar ao mais concreto «casa», cuja localização é definida por referência ao mundo, a cujas portas se situa: o lugar a que o sujeito chama sua casa está assim fora do mundo, embora próximo dele. Que esta casa tem um sentido metafórico comprova-o a sua identificação com «este / rio», um sintagma cindido em dois versos, o que sugere alguma forma de crise no sujeito, tanto mais que o encavalamento não supera totalmente essa quebra. O não uso de pontuação faz com que a oração relativa do segundo verso possa ser lida tanto como restritiva quanto como explicativa. Independentemente disso, fica claro que este rio «não dorme», surgindo no entanto nova dúvida: «não dorme como um rio», isto é, não dorme como um rio costuma dormir, ou não dorme como nenhum rio dorme, dado que não é da natureza dos rios dormir? A segunda hipótese parece fazer mais sentido, tanto mais que o rio é habitualmente tomado como símbolo de movimento, de mudança. Sendo assim, a casa do sujeito é definida pela impermanência, pela instabilidade, pelo estado líquido, assumindo-se mais como a «Habitação» do título, como uma morada espiritual, como a morada do ser de que falava Heidegger referindo-se à linguagem.

Nos três versos seguintes surge um «tu» cujo referente não é explicitado. O facto porém de o verbo estar no imperfeito do indicativo («Precisavas») sugere, junta-mente com a referência a um caminho longo e aos navios, que se trata de um antepassado histórico do sujeito, o africano escravizado, arrancado do interior e levado para o litoral, caminhando «a planície» (e não ao longo dela), onde havia navios que «dão à luz a inexistência do real»: os navios que geram a inexistência, que

apagam a existência, são navios para os quais os rios – que não dormem – passam a ser planícies.

Resta assim ao sujeito, como se diz no dístico final, ficar «De faxina à poeira», pre-servar a memória histórica, fazer da sua casa, fazer da sua palavra, «uma máquina de contabilizar o esquecimento». Seria este o caminho para superar a cisão e a instabilidade e fazer da habitação uma casa estável e permanente.

De um modo simultaneamente contido e aberto, José Luís Mendonça oferece-nos em «Habitação» uma interpretação pessoal do homem africano, num poema que representa bem a dicção elíptica e tensa que caracteriza a sua poesia.

Para terminar, vejamos então o resultado final da experiência de tradução para inglês conduzida por Thomas P. Wilkinson:

## Habitation

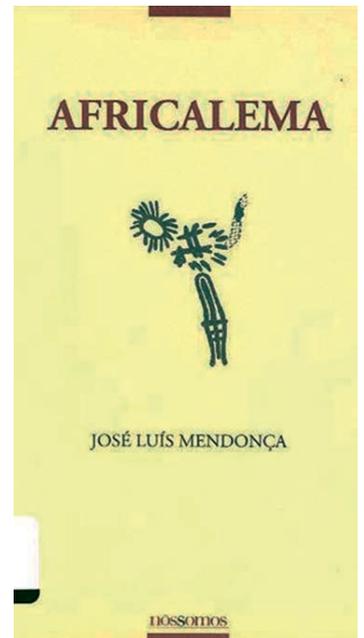
By the doors of the world my house  
is this  
river that does not sleep like a river  
You needed to walk day by day  
the plain where the ships that had  
given birth to the non-existence of  
the real  
Cleaning the dust and a machine  
to account the oblivion

Africalema (102 poemas escolhidos). Vila Nova de Cerveira: Nós-somos, 2011.

Transcrição do poema: «Habitação // Às portas do mundo a minha casa é este / rio que não dorme como um rio / Precisavas caminhar dias a fio / a planície onde os navios que havia / dão à luz a inexistência do real / De faxina à poeira e uma máquina / de contabilizar o esquecimento» (p. 102).



FRANCISCO TOPA



## BRIGADA JOVEM DE LITERATURA FÉNIX RENASCIDA EM LUANDA

Em 1980, nascia na capital angolana, a primeira associação cultural sem traços político-doutrinários, numa época em que a divisão do Mundo em dois blocos ditava, para os países do Terceiro Mundo, um determinado alinhamento, estando, pois, Angola, sob um regime de partido único. Como não podia deixar de ser, esta associação – a Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL) – viria a extinguir-se

nos finais de 1990, para ser enquadrada na Brigada Jovem de Literatura de Angola (BJLA), com núcleos em quase todas as províncias.

Em Maio de 2017, os escritores da nova geração, saídos da BJLA, dos quais se destacam Kanguimbo Ananaz, Tomás Queta Bandula, Ngola Nobre (que já publicou obra sob o pseudónimo de Ngola Avô Ngola), Mário Embondeiro, Alice Fernandes, Sara

Gamboa, Miguel Makumwena, Pailo Tatório, Jeremias Alexandre, Scott Cambulo, Louro António Domingos, Paulo Niengue, Inácio Kandeiro, David Capelenguela, Rafael Sadi e outros, refundam a BJLL, chamando para o Comité de Honra Lopito Feijóo e António Fonseca, dois dos históricos fundadores da Associação em 1980.

O que terá motivado Ngola Nobre e seus pares a empreender este renasci-

